

A polissemia da performance.
**Dimensões performativas da Banda Filarmónica a partir
da análise musical e da história social deste
agrupamento. Um estudo de caso**

Helena Lourosa, Universidade de Aveiro, INET-MD

Apresentação e objectivos

Os projectos científicos sobre o estudo das bandas filarmónicas, apesar da importância destes agrupamentos no país, são bastante escassos e, à excepção de inúmeros trabalhos de carácter monográfico desenvolvidos por eruditos locais de que é exemplo o trabalho de Pedro de Freitas (1946), só recentemente alguns etnomusicólogos têm vindo a produzir trabalhos de reflexão sobre as bandas filarmónicas. Por esse motivo, continuam por esclarecer a proveniência, actividades performativas, organização e objectivos desses grupos, cuja importância social e pedagógica se destaca ainda hoje em meios economicamente mais desfavorecidos. O agrupamento hoje designado em Portugal por “Banda Filarmónica”, cuja configuração e funções se foi alterando significativamente ao longo de mais de dois séculos foi, durante muito tempo, o único instrumento de divulgação e de aprendizagem da música no país fora dos centros urbanos e acessível a todas as classes sociais. Tomando como exemplo a Banda de Música de Santiago de Riba-Ul, que se auto designa “a banda mais antiga de Portugal”, procuro explorar o desenvolvimento que este agrupamento teve ao longo do tempo, destacando a oscilação da sua definição e a estrutura multifuncional e democratizada de uma banda filarmónica desde do século XVIII. Neste processo de análise histórica privilegio questões que gravitam em torno da actividade e da performance das bandas, associando-lhe as várias funções que foram adquirindo ao longo do tempo, os espaços de ocorrência, o repertório, os estilos musicais, instrumentos e género. Esta investigação tem como principal objectivo contribuir para um melhor conhecimento do ambiente musical e sonoro em Portugal fora dos grandes centros urbanos, através das múltiplas dimensões performativas dos agrupamentos musicais que hoje designamos por Bandas Filarmónicas, partindo do estudo de caso da Banda de Música de Santiago de Riba-Ul.

Metodologia

Inserindo este trabalho no âmbito da etnomusicologia histórica, as metodologias de investigação que seleccionei para alcançar estes objectivos são: a pesquisa bibliográfica, o trabalho de campo (entrevista, a gravação e a observação) e trabalho de arquivo (espólio do grupo, jornais antigos do concelho, jornais antigos da região, anais do Município, actas do concelho e cartas de particulares ligados à Banda, certidões paroquiais).

Contextualização

A Banda de Santiago de Riba-Ul serve de exemplo de análise neste estudo por a sua formação ser anterior à actividade filarmónica generalizada em Portugal no séc. XIX. Esta banda é uma das que se intitula “a mais antiga do país”, e a existência nos arquivos da Banda de uma partitura (intitulada *Sonatas de Guitarra* de António da Silva Leite) erradamente datada de 1722, levou à presunção de que a fundação do grupo seria anterior a esse ano. Mas durante décadas ao longo da região e mesmo a nível nacional, a aceitação e credibilidade nesta suposta performance contribuiu para o crescimento e disseminação de um mito que sustenta ainda hoje toda a história e interesse da banda e por isso foi distinguida com diversos títulos. Como menciona Sanchis no seu livro *Arraial festa de um povo: As romarias portuguesas*, também me parece adequado, neste caso, a utilização da expressão proposta por Claude Levi-Strauss sobre a existência de “mitos feitos história”. Na verdade, regista-se muitas vezes uma linha muito ténue entre o mito e a realidade e, segundo Sanchis, a circulação entre o mito e a história realiza-se em dois sentidos: “mitos feitos história” e “história feita mito”. São algumas as bandas que reclamam ser “uma das mais antigas de Portugal”, como acontece também com as bandas de Arouca, São Mamede de Ribatua, ou Verridense, por exemplo. Contudo, é uma realidade transversal a estes e outros agrupamentos a falta de dados que confirmem as suas aspirações de antiguidade. Embora não seja possível fixar o ano de fundação da Banda de Santiago por não haver um documento comprovativo, há registos no concelho de Oliveira de Azeméis mencionando a sua actividade no século XVIII. Estes testemunhos demonstram também a polivalência performativa da banda que já no século XIX era requisitada em circunstâncias distintas associadas a actividades militares, políticas, religiosas e de lazer. As histórias que chegaram até aos dias de hoje sobre esta primeira fase da banda até meados do século XIX são, além destes insuficientes registos, informações transmitidas oralmente, que nos impossibilitam distinguir entre factos reais e os factos mitificados. Mas a verdade é que o grupo desenhou o seu perfil identitário, traçou o seu percurso e adquiriu prestígio, baseado em ocorrências performativas que são difíceis de comprovar e que residem, seguramente, no imaginário colectivo do grupo.

A enorme falta de trabalhos precedentes que reflectam sobre o conceito de banda, a história destes agrupamentos em Portugal, o percurso a que estiveram sujeitos durante pelo menos dois séculos e o modo como se desenharam, apresentam o primeiro problema: a definição de “banda”. O espólio da banda contém repertório essencialmente da 2ª metade de oitocentos, sendo que cerca de 83% é religioso para apoio à liturgia, com uma forte presença de instrumentos de corda além dos sopros e percussão. Apresentando uma estrutura mais aproximada à de uma orquestra e não de banda, os periódicos oitocentistas manifestam homogeneidade e coerência relativamente à definição destes ensembles. Assim, a variável encontra-se justamente na sua função performativa: designação de *filarmónica* atribuída a grupos de sopro civis quando tocam em eventos ao ar livre; *orquestra*, para grupos civis com funções nas celebrações religiosas dentro dos templos e em espectáculos interiores, como é o exemplo dos teatros populares; e *banda*, para agrupamentos militares. É de salientar que a *orquestra* pertencia a uma *filarmónica*, como se fosse um pequeno grupo extraído de um grupo maior.

Apesar de a maior parte da bibliografia que existe sobre bandas filarmónicas referir a 2ª metade do século XIX como o período de generalização das bandas, pelo menos na região de Aveiro já existiam grupos que assumiam funções semelhantes às da Banda de Santiago antes dessa época. Essas semelhanças prendem-se com actividades religiosas e nas revistas do Arquivo Distrital de Aveiro¹ encontram-se

¹ Revista de periodicidade anual, publicada entre 1935 e 1975 com o intuito de difundir artigos de investigação fundamentalmente histórica sobre o distrito.

várias transcrições de documentos desde o século XVII mencionando a presença de grupos musicais nas principais festas religiosas, denominados por *charamelas*, *orquestras*, *capela* ou simplesmente *música*. Estes agrupamentos poderiam ter constituições instrumentais diferentes mas exerciam as mesmas funções e como podemos apreender por estes testemunhos, estavam intimamente relacionados com a Igreja. Nenhum relato menciona a presença de uma “banda” já que o conceito só começou a ser comumente utilizado no século XIX.

As peças do espólio da Banda de Santiago que no fundo são representativas da performance e constituição da banda, além dos instrumentos de sopro comuns como o clarinete, flauta, cornetim, encontramos o violino, viola, violoncelo e contrabaixo. As obras religiosas das missas contavam com a presença de um coro constituído por 3 ou 4 naipes, dos quais a parte mais aguda estava mesmo reservada a algumas senhoras que incorporavam o grupo nestas ocasiões. Deste grupo feminino, destacou-se D. Leopoldina Pinto Basto da Costa Kopke de Carvalho (nascida em 1848 em Oliveira de Azeméis), membro da elite aristocrática da sociedade portuense e oliveirense, que além de solista, também tocava órgão e piano². A presença desta senhora nas actividades da banda engrandeceu certamente a sua qualidade, deu-lhe reconhecimento a nível regional e mesmo nacional, testemunhando também a importância da inclusão feminina no grupo ainda no século XIX.

No século XX surgiram algumas alterações que viriam a mudar o conceito de banda. Estas alterações verificam-se sobretudo a partir da segunda metade do século e prendem-se com o progressivo abandono da participação das bandas durante as celebrações religiosas. Desta forma, e porque deixou de fazer sentido manter uma constituição instrumental baseada não só em sopros, mas também em cordas, foi-se abandonando os violinos, violas, violoncelos e contrabaixos, característicos da “*orquestra da filarmónica*”, que serviam quase exclusivamente no repertório da liturgia e nas representações dramáticas que entretanto também deixaram de existir. Aliado a isto, a designação de “banda” que anteriormente se relacionava unicamente com as congéneres militares, passa também a ser usada para as civis. Num processo de renovação e de adaptação do grupo a um modo de vida diferente, podemos testemunhar várias modificações na estrutura e no quotidiano da banda: verificou-se um maior enfoque na música secular, foram progressivamente incluídos instrumentos necessários ao novo repertório, foram criados órgãos de gestão administrativa, procedeu-se à criação de uma escola para o ensino da música, e conseqüentemente, iniciou-se um processo de convivência entre músicos de várias gerações no mesmo grupo. Finalmente procedeu-se à admissão de elementos femininos como instrumentistas, o que alterou claramente a imagem do grupo através da adopção de outra graciosidade e da moderação de comportamentos. Nos últimos anos tem-se acentuado uma tendência “eruditizante” na constituição e funções das filarmónicas, que tentam aproximar o seu repertório e actividades às orquestras na procura de uma certa afirmação artística. Também por esse motivo a sala de concerto é cada vez mais utilizada e há grupos que começaram a adoptar alguns instrumentos de corda.

² De uma linhagem nobre, D. Leopoldina relacionava-se com a mais alta estirpe de músicos profissionais do Porto, mantendo simultaneamente uma actividade performativa nos Clubes de Cadouços e da Foz, no Palácio de Cristal, e na Filarmónica Portuense no Porto. Note-se que estes saraus contavam com a presença de músicos profissionais de importância nacional, como Bernardo Moreira de Sá, Nicolau Ribas, Miguel Ângelo Pereira, Ciriaco de Cardoso, Augusto Suggia e Alfredo Napoleão, Xisto Lopes, entre outros, juntamente com os seus discípulos amadores, designados como *membros de famílias destacadas da sociedade portuense*, entre os quais podemos encontrar o nome Leopoldina Kopke de Carvalho).

Conclusões

Com a capacidade de se ajustar às circunstâncias, as bandas filarmónicas parecem ser o mais polivalente de todos os ensembles musicais. Embora alguns tenham surgido no século XVIII, é no século seguinte que se regista a disseminação destes grupos. É um agrupamento onde se relacionam pessoas de todos os estratos sociais, e na sua fundação encontramos pessoas com o mais diverso background, que com o seu contributo alteraram significativamente os referentes musicais dos meios rurais e mesmo os seus modos de vida. As bandas foram durante muitas décadas o único meio para se aprender música em Portugal fora dos centros urbanos e acessível a todas as classes sociais. Nelas convivem e prosperam músicos de diversas gerações nas centenas de grupos que existem espalhados pelo país, sendo consideradas, ainda hoje, um “símbolo da nacionalidade”. Ainda que com diversas definições conceptuais, atravessando conflitos políticos, dificuldades económicas e o dinamismo social, a Banda de Música de Santiago de Riba-Ul ao longo da sua existência serviu finalidades militares, políticas, religiosos, cerimoniais e de entretenimento. Para cada domínio reconfigurava-se e tornava-se o “ensemble ideal” que ia harmoniosamente de encontro às necessidades e desafios sociais, oferecendo assim uma espécie de performance polissémica que se altera na forma e nos conteúdos num quadro de múltiplas identidades.

Bibliografia

- Binder, Fernando Pereira (2006) *Bandas Militares no Brasil: Difusão e Organização entre 1808 e 1889*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP.
- Brucher, Katherine (2005) *A Banda da Terra: Bandas Filarmónicas and the performance of place in Portugal*. Tese de Doutoramento apresentada na Universidade de Michigan nos EUA
- Cutileiro, Alberto (1981) *Alguns subsídios para a história da Banda da Armada: Comunicação apresentada pelo pintor José Cutileiro ao Centro de Estudos da Marinha em 14 de Dezembro de 1977*, Lisboa
- Dinis Gomes, Agostinho da Costa (2007) *O contributo das Bandas Filarmónicas para o desenvolvimento pessoal de comunitário: um estudo efectuado no Alto Tâmega – sub-região do norte de Portugal*. Tese de Doutoramento apresentada na Universidade de Vigo, Departamento de Didácticas Especiais.
- Freitas, Pedro de (1946) *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa: Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra
- Joaquim, Manuel (1937) *A Música Militar através dos tempos*, Lisboa: Tipografia Arte Musica
- Lameiro, Paulo (1994) *Coretos Sagrados*, Lisboa: Instituto de Etnomusicologia da Universidade Nova de Lisboa
- _____ (1996) *Práticas Musicais nas Festas Religiosas do Concelho de Leiria – o lugar privilegiado das Bandas Filarmónicas*. Comunicação no Museu Condes de Castro Guimarães no âmbito do 3º Curso

Internacional de Verão em Cascais

Lapa, Albino (1941), *Subsídio para a História das Bandas Militares portuguesas*, Lisboa: Edição da Revista "Alma Nacional"

Pereira, Vera (2008) *Música e Poder Simbólico - A partir da análise da Banda da Armada Portuguesa*. Tese de Mestrado apresentada no Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro.

Ribeiro, Manuel (1939) *Quadros históricos da vida musical portuguesa*. Lisboa: Sasseti

Sanchis, Pierre (1983) *Arraial festa de um povo: As romarias portuguesas*. ("Portugal de Perto"). Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Vasconcelos, Maria João (2007) *A Orquestra Filarmónica 12 de Abril: Um agrupamento musical em mudança (1980-2006)*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Departamento de Ciências Musicais)